

# Meta do próximo presidente é reformar... ou reformar

Economista Zeina Latif afirma que novo governo terá que adotar medidas impopulares

MARCELO SANTOS

14/05/2018 - 16:17 - Atualizado em 14/05/2018 - 17:01



Economista-chefe da XP: sem reformas, País terá expansão anual abaixo de 2% (Foto: Vanessa Rodrigues)

O Brasil viverá duas situações econômicas no próximo ano – uma positiva e outra negativa. A mais animadora será, espera-se, o impacto mais evidente dos juros baixos no cotidiano da população, pois consumo e investimentos serão movidos por recursos mais baratos.

A situação ruim é que o setor público estará em um dos seus piores momentos, com o novo presidente e governadores sem recursos para cumprir suas promessas. Muito pelo contrário. Terão que cortar gastos avidamente e fazer reformas profundas e impopulares.

O alerta é da economista-chefe da XP Investimentos, Zeina Latif, que na semana passada participou do Seminário Internacional de Café de Santos, realizado pela Associação Comercial de Santos no Sofitel Jequitimar, em Guarujá.

“O Brasil vive um momento muito particular”, diz Zeina. “Se cometermos grandes erros, comprometeremos a capacidade do País crescer no futuro próximo”, afirma ela sobre os passos que o próximo presidente der no ano que vem.

## Crise fiscal

Segundo ela, esta é a mais grave crise fiscal da história, com rombo enorme e uma dívida pública que não é sustentável. “Isso vai gerar instabilidade macroeconômica”, diz sobre os indicadores.

Conforme Zeina, essa instabilidade foi experimentada no final do Governo Dilma Rousseff, no primeiro semestre de 2016, quando o mercado previa que o dólar chegaria a R\$ 6,00. Zeina lembra que na saída de Dilma o País passava por um quadro de espiral inflacionária que se inverteu com o sucessor Michel Temer.

A economista-chefe diz que a inflação despencou porque o governo parou de aumentar os gastos.

Parte da tarefa já foi feita, que era reduzir juros e derrubar a inflação. Porém, alerta Zeina, a dívida pública continua crescendo e terá que ser controlada. Mas, agora há menos remédios há disposição.

## Tributos

Um deles, eficiente e muito usado pelos governos, a elevação da carga tributária, não tem viabilidade política para ocorrer. Não só a sociedade não aceita pagar mais impostos como não dá para criar uma nova CPMF a cada ano, tamanho o rombo das contas. “O governo teve o mérito de entender isso (que não dá para aumentar impostos)”.

A outra ponta do problema das contas públicas é a Previdência Social. Ela afirma que a população brasileira envelhece mais rapidamente que a dos vizinhos latino-americanos. Nos anos 1960, a brasileira tinha seis filhos. Agora, a média é de 1,8. “E vivemos mais”.

“A curva dos gastos com a Previdência será muito forte nos próximos anos”, afirma. “Ela (a reforma) terá que ser ambiciosa”.

Zeina diz ainda que a sociedade brasileira está indignada não só com a corrupção, mas também com o desemprego e a falta de crédito para as empresas. “A Dilma se equivocou em várias frentes (...) O mundo foi e nós ficamos”.

## Custo Brasil

Além das reformas não realizadas, a economia brasileira tem uma série de falhas que não foi corrigida, segundo a economista Zeina Latif.

Por exemplo, as empresas têm problemas de gestão. Os empresários são obrigados a lidar com o custo Brasil (muitos impostos, falta de capacitação, infraestrutura capenga, burocracia, crédito caro).

Eles têm pouco tempo para fazer o que seus concorrentes realizam ao redor do globo, que é administrar o dia a dia, ser eficiente e saber aproveitar as novas tecnologias.

Segundo Zeina Latif, o País tem várias reformas a cumprir, mas a mais importante é a tributária. E também tem que abrir a economia. “Temos muitas barreiras tarifárias e não tarifárias”.

Entretanto, o País terá que reduzir o custo Brasil para que o produto nacional sobreviva. Paralelamente, ela lembra que sem concorrência externa, não há como o País evoluir, tornar-se melhor.

De acordo com ela, para a reforma da Previdência, o tema precisará estar na agenda política para muita negociação e enfrentamento com grupos de interesse. “No Brasil ainda se acha razoável não ter idade mínima para aposentar”.

Zeina diz que o setor privado terá que cobrar reformas com mais veemência se quiser vê-las aprovadas.



Geração de jovens na criminalidade: Brasil tem faixa etária excluída da economia (Foto: Shutterstock)

## Bônus demográfico

O Brasil desperdiçou a vantagem do bônus demográfico, segundo a economista Zeina Latif. Com o encolhimento das famílias e uma população ainda não tão velha, há uma parcela maior de brasileiros na idade produtiva, pagando impostos, gerando empregos e contribuindo para a Previdência.

Ela lembra ainda que após 2023 o Brasil perderá o ganho com uma parcela maior de jovens em idade produtiva. Porém, parte desses brasileiros já está fora da economia. É a geração nem nem, os que não trabalham e nem estudam, correspondente a pouco menos de um quinto dessa faixa etária.

“Teremos menos pessoas para carregar um piano, que agora está mais pesado”, diz. “Será preciso ter mais musculatura para fazer reforma”.

Há ainda o problema sério da evasão escolar elevada. Segundo ela, isso é resultado da gravidez precoce e dos rapazes envolvidos em crimes. “A escolaridade não melhorou nessa faixa”.

Segundo ela, apenas 9% dos jovens entram no Ensino Médio com domínio sobre a Matemática. Aliás, 70% da juventude não sabem Matemática básica. “A festa está acabando, estamos ficando velhos e o futuro chegou”.

## Crise made in Brazil

Os problemas do Brasil foram gerados aqui – não são criados no exterior, segundo Zeina Latif. “Essa crise é nossa, made in Brazil, fruto dos nossos erros”.

Ela afirma que o País viveu um aquecimento exagerado sem ter fundamentos para isso. Houve o aumento dos salários (reduzindo a competitividade do produto nacional). “O Brasil violou uma regra: o salário não pode superar a produtividade”, diz, e houve ainda investimento da BNDES, estímulo a setores específicos, como a indústria naval, desoneração para incentivar vários outros e controle de tarifas para frear a inflação.

## Trump e a volatilidade

A economista-chefe da XP acha que o cenário internacional está mais turbulento com a fala tresloucada do Trump. Mas, diz ela, o comércio mundial ganhou tração, crescendo 5% nos últimos anos e ajudando a conter o protecionismo.

Ela explica que há uma volatilidade nos EUA (os juros estão subindo porque os EUA crescem, deixam o dólar mais forte e as outras moedas caem), mas que não é “tremenda”. “Não é um quadro preocupante ainda”. Mas, isso reduz a necessidade de reforma? Não, elas são necessárias mesmo assim, porque o dinheiro público acabou.

## Pessimistas otimistas

Sobre o futuro próximo, Zeina diz que os empresários são “pessimistas ficando otimistas”. Aos poucos os empregos vão voltar, ao mesmo tempo em que as famílias estão pagando suas dívidas. Logo vão começar a consumir. No caso da inflação, Zeina diz que o governo acertou ao parar de gastar. “Ela é como uma febre que cedeu porque o médico acertou no diagnóstico e no tratamento”.

De acordo com ela, agora há condição monetária (juros e inflação mais baixos) para expandir a economia. Zeina diz ainda que falta cortar um pouco mais os juros. “Vamos sentir isso (juros baixos)”